

COMERCIO DA AJUDA



JORNAL ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
CALÇADA DA AJUDA, 176 - LISBOA

O Sr. sub-secretário de Estado das Corporações, publicou um despacho em que esclarece que os moradores adquirentes de casas no bairro da Ajuda não são obrigados a constituir, com a casa que cada um d'elles ocupe, um casal de família, em virtude d'este só ser constituído quando se trate dum prédio independente ou das casas construídas segundo os preceitos do decreto 23.052.

COMEÇARAM já a ser distribuídas com a respectiva autorização do chefe do distrito, as circulares solicitando dos costumados protectores da Colonia Infantil da Cruz Quebrada, das Juntas de Freguesia de Lisboa, a sua colaboração em géneros ou dinheiro, para auxilio daquela grandiosa obra de assistência infantil.

Grande cruzada esta, que bem merece o carinho de todas as pessoas que melhor vivem e que decerto sentem a alegria das centenas de crianças que ali vão passar 15 dias, folgando e rindo.

NOS dias 3 de Junho e 1 de Julho próximos, realizam-se no Parque Eduardo VII corridas de automóveis a favor do cofre da Comissão Central de Assistência, presidida pelo Sr. Governador Civil de Lisboa.

A estas festas de beneficência, assiste o Chefe de Estado.

HOJE pelas 16 horas, será inaugurada no Rossio, a «Feira do Livro», acto que será revestido de grande solenidade e aparato. Além das 34 barracas dos livreiros inscritos será levantada uma outra destinada apenas á recepção dos visitantes.

Pelas 20 horas, o illustre escritor e dramaturgo dr. Ramada Curto dirá pela T. S. F. algumas palavras apreciando a «Feira do Livro».

AMANHÃ effectuar-se-ão as tradicionais festas à Senhora da Rocha, que este ano prometem ser revestidas de grande brilhantismo, e que ao local devem atrair muitos milhares de pessoas.

FESTAS POPULARES

A MARCHA DA AJUDA

que representará a nossa freguesia nas Grandes Festas de Lisboa, vai marcar como um acontecimento de especial relêvo

Uma comissão de pessoas da nossa frêguesia, á qual preside o sr. Luiz Valente, meteu ombros levar a efeito este ano uma série de grandes festas populares, a realizar no próximo mês de Junho. Essa comissão, que se formara primitivamente para levar a efeito festejos unicamente na nossa frêguesia, foi posteriormente convidada a organizar uma grande marcha que a representasse no concurso de marchas populares a realizar por ocasião das Grandes Festas de Lisboa, e ao que ela, aliás de bom grado, acedeu.

Fômos há dias assistir a um dos ensaios, por amável convite da sua comissão organizadora. Cativou-nos o belo conjunto conseguido, que é o coroamento dum exaustivo e perseverante trabalho e dum devotado e desinteressado amor bairrista. Observámos atentamente a organização da marcha e causou-nos lisongeira impressão o conjunto atingido.

Numerosos pares desfilavam cantando lindos versos, de cunho acentuadamente bairrista, inspiração feliz do poeta Sr. Joaquim Brito e musicados pelo maestro Raul Ferrão.

A encenação pertence ao Sr. António Martins, que se houve com muita vontade e competência. A marcha executa diversos e interessantes desfiles, cujas marcações, de veras originaes e de bom gosto, se devem aos srs. António Martins e Lamas Moreira.

A marcha compõe-se de 24 pares, vestidos com trajes de fantasia.

O traje feminino simbolisa o motivo que constitui a característica predominante da nossa frêguesia: — a Torre da Ajuda. A saia, de balão, em tecido azul celeste, representa o sino e as alças do corpete, os engates. Na cabeça, um curioso barrete de fantasia simbolisa o galo da torre.

Os homens vestem calça branca listrada de vermelho, jaquetilha curta, azul celeste, e boné de marinheiro com borla vermelha. Simbolisam o povo que forneceu os marinheiros às armadas do Restelo.

Os homens seguram as pegas dos arcos, em número de doze. O arco principal representa um grande coração

(Conclúe na página 8)

NO rápido de Madrid, seguiram ontem para aquela capital, onde vão tomar parte nas provas do «Concurso Hípico Internacional», sob a chefia do sr. coronel Manuel da Costa Latino, os srs. capitão Ivens Ferraz e tenentes Buceca Martins, José Beltrão e Mena e Silva, componentes da «equipa» nacional.

Fazemos votos porque os nossos cavaleiros consigam nas provas a disputar, um lugar de relêvo.

TEM passado bastante incomodado de saúde, o nosso querido amigo Sr. Artur Ferreira, a quem desejamos um rápido restabelecimento.

DE acôrdo com o parecer unanime da Comissão Central do Conselho Superior de Instrução Pública, o Sr. Ministro da Instrução anulou todos os actos e operações relativos ao último concurso de livros para o ensino secundário, onde se cometeram variadas irregularidades, conforme vem mencionado no «Diário do Governo» de quinta-feira passada.

Com o intuito de evitar a repetição d'esses abusos, pensase em elaborar novas normas para a escolha de livros e outro critério para a organização do respectivo júri.

A comissão promotora das festas a realizar na nossa frêguesia no próximo mês de Junho, tem recolhido grande quantidade de prendas para a quermesse que funcionará nessa ocasião.

POR falta de espaço, somos forçados a reter algum original, de entre êle, um interessante artigo do nosso prezado amigo e colaborador Fernando Augusto Simões, que publicaremos no proximo número.

NA sêde da Sociedade Esperantista «Nova Voz» rua do Jardim do Regedor, 5, 4.º inaugura-se amanhã pelas 21 horas, um curso elementar de Esperanto.

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

Rua das Casas de Trabalho, 177 a 183

LISBOA

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

DESPORTOS**A abrir...**

Acaba de estar entre nós a equipa universitária de Madrid, que veio disputar com a seleção de Lisboa o primeiro encontro universitário Lisboa-Madrid em atletismo. Acompanhava-a uma seleção feminina universitária madrilenha, que viu propositadamente disputar um encontro de «basket-ball» com a equipa feminina da Escola de Machado de Castro, bem como fazer uma exibição de desportos atléticos.

Ainda se não apagou dos nossos olhos a visão esplendida das gentilíssimas raparigas espanholas, que se exibiram em algumas modalidades desportivas num â-vontade e numa despreocupação de preconceitos de veras para louvar. Sobre este ponto as gentis madrilenhas deram ás lisboetas um precioso exemplo que urge não deixar perder. A mulher portuguesa, agarrada aos relhos preconceitos, ainda se não dispoz a descer ao campo atlético e envergar o «maillot» dos jogos desportivos. Porisso as desportistas de Madrid conquistaram juz á nossa simpatia e á nossa veemente admiração.

As alunas da Escola de Machado de Castro merecem franco aplauso pelo «pontapé» que souberam dar na nossa secular rotina. Muito foi o que fizeram.

A pobreza franciscana que é todo o nosso acanhado meio desportivo foi bafejada agora por uma rajada de ar puro e livre que só lhe pode trazer benefícios. Que se não perca tão precioso momento. Que a vinda das desportistas espanholas seja o estímulo para se serem de parte inúteis preconceitos (que hoje não têm razão de existir) e que a exibição desportiva das alunas da Escola Machado de Castro fique marcando como exemplo a seguir por todas as raparigas portuguesas!

Football

Realizam-se amanhã os encontros da 2.^a mão dos oitavos de final do campeonato de Portugal de football.

Para isso encontram-se, em Lisboa, o Belenenses com o S. C. Vila Real; o Sporting com o S. C. Espinho; o Benfica com a Associação Académica, de Coimbra, e ainda o Carcavelinhos com o União, este, porém, ainda para a primeira mão dos oitavos de final. Em Aveiro jogam o C. Industria, de Setubal, com o S. C. Beira-Mar; no Barreiro, o Barreirense contra o Luso e em Setubal o Vitoria contra o S. C. Vianense.

Os clubes de Lisboa devem repetir todos, sem esforço de maior, as suas vitórias da primeira mão, tanto mais que todos venceram (excepção ao Benfica) por margens bastante confortáveis.

No Carcavelinhos-União deve sair vencedor o primeiro, que possui uma equipa mais trabalhada, onde o valor de conjunto é factor predominant. Enfim, quasi podemos dar como certos cinco Clubes de Lisboa nos quartos de final deste campeonato.

Ficará mal irmos pensando este ano numa final Sporting-Belenenses? Tudo depende do sorteio a realizar na segunda-feira. Mas... não se pode vaticinar pelo seguro porque, nisto de football, são possíveis quasi todos os impossíveis...

Afonso Aço.

Recepção aos jogadores do Spor Club de Vila Real

Afim de corresponder á gentileza da imponente recepção dispensada aos seus jogadores em Vila Real, a direcção do C. F. «Os Belenenses» organizou, também, uma excepcional recepção aos jogadores daquela cidade transmontana, com o seguinte programa:

Sábado, 26 — A's 13,30 horas: Passeio em auto-carro, a Sintra, com volta por Cascais. Em Sintra serão servidas queijadas e refrescos. No regresso, visita ao campo José Manuel Soares A's 21,30 horas: Visita á Exposição Triunfal do Desporto.

Domingo, 27 — A's 9,30 horas: Visita ao Jardim Zoológico e em seguida á Estufa Fria, do Parque Eduardo VII. A's 16 horas: Transporte em automóveis, para o campo de jogos. Em seguida ao jogo, será servido, na séde, um Porto de Honra e, findo este, serão os jogadores do Vila Real conduzidos ao hotel. em automoveis A's 22 horas: Visita aos clubs Maxims e Alhambra, depois da qual os jogadores assistirão, em camarotes engalanados, ao espectáculo no Teatro Maria Victoria, e acompanhados, em seguida, ao hotel.

Segunda-feira, 28 — A's 8,20 h. Despedida aos jogadores do V. Real, na estação do Rocio.

—Os jogadores do S. C. Vila Real chegaram ontem a Lisboa, cerca da meia noite, tendo uma entusiastica e cativante recepção por parte dos jogadores, corpos gerentes e sócios do C. F. «Os Belenenses», que, a pedido da sua direcção, compareceram em grande número na estação do Rossio. Foram, em seguida, recebidos na delegação do Club, ao Arco da Bandeira, onde foi servido um excelente copo de água, que serviu de pretexto para entusiasticos brindes e interessantes afirmações de fé e lealdade desportiva, depois do que os jogadores, já sobre a madrugada, recolheram ao hotel.

—Os jogadores de Vila Real estão hospedados no Hotel Leiriense, á Rua da Assunção.

—A frisar, a curiosa e interessante circumstancia do nenhum dos jogadores ter, até agora, visitado Lisboa.

—Os jogadores do S. C. Vila Real serão acompanhados, em todos os passeios e visitas, pelos jogadores, directores e sócios do C. F. «Os Belenenses».

—A comissão de recepção aos jogadores de Vila Real é composta pelos srs. João Almeida e Sousa, Augusto Silva, Fernando Rodrigues, Francisco Silva, José Belo e Miguel Butuller.

—Consta-nos que está preparada uma grande manifestação aos jogadores de Vila Real, amanhã, á sua entrada em campo.

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a aulogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA - Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA - Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA - 4.^{as} feiras ás 9 h
FRANCISCO SEIA - Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço noctu. no ás segundas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telef. B. 456

Brincadeira ou quê?

A nossa Camara Municipal, enviou a todos os proprietarios de prédios urbanos, um aviso para pagarem determinada quantia pela conservação das bôcas de incendio existentes nos seus prédios, serviço que doravante, fica a cargo do Corpo de Bombeiros.

Houve quem protestasse contra o exagero da dita importancia, e até a imprensa diária se occupou do assunto, do que resultou, a respectiva Comissão Administrativa prorrogar ou suspender esses pagamentos, por lhe achar uma certa razão e para melhor estudar o assunto.

Mas, não é este o nosso caso, não é este o motivo que nos obriga a pedir um cantinho deste jornal, para lavrarmos o nosso protesto, porque infelizmente não temos bôcas de incendio nos nossos prédios, pelo simples motivo de que ainda não está encanada água para a maior parte da nossa freguesia e da de Belém.

E' que nós, apesar de estarmos nas condições que deixamos dito, também recebemos iguais avisos, e o que achamos extraordinário, é que não fôsse suficiente a nossa declaração ao agente de policia municipal que nos entregou o aviso, *que não tínhamos água encanada*, e que portanto também não tínhamos bôcas de incendio; e que nem mesmo na repartição onde fomos dar conhecimento do que lá deviam conhecer, não nos atendessem, sem que entregássemos um requerimento em papel selado, acrescido de mais dois escudos, pelo seu recebimento na Secretaria Geral, pedindo o anullamento duma intimação que nunca nos devia ter sido feita.

E como a maior parte do nosso portuguezinho, sabe fazer muitas coisas inúteis, mas não sabe fazer um requerimento, por mais simples que seja, houve muitos proprietarios que ainda tiveram que esportular mais 4 e 5 escudos, a quem lhos fizesse.

Se isto foi a brincar, foi uma brincadeira a que não achamos graça nenhuma.

Éfiérre.

Beba Vinho de Cheleiros

A CRUZ VERMELHA

O Céu era um docel que a mão de Deus puzera
Por sobre a terra imensa, a topetar os montes.
E sempre em seu azul sorria a primavera,
Enchendo de perfume e luz os horizontes.

Mas quando a criatura audaz tentou que fôsse
Mais larga que a de Deus a sua soberania,
Foi dura a expiação. O Céu anuviou-se
E o sol jámais brilhou na abobada sombria.

Na treva que envolveu então a terra inteira
Medrou o ódio vil, gerou se o egoísmo,
Forjaram-se os anéis de infame gargalheira,
Entronizou-se o mal, reinou o despotismo.

Até que um dia, emfim, quebrou-se o vil fadário.
O homem viu fulgir a estrela annunciada.
Cumriu-se a profecia. A cena do Calvário
Foi monstruoso crime e luz duma alvorada.

E tu que fôste, ó Cruz, patíbulo odioso,
Lugar de punição ou arma de vingança,
Sentindo o gotejar do sangue generoso
Dum Deus que ao Mundo vem trazer amor e esprança.

De emblema de terror passaste a ser um sol
Que espalha a vida a flux e tudo aquece o doura;
O lábaro da fé, o salutar crisol
Em que vai depurar-se a alma pecadora.

És balsamo na dor, confôrto e lenitivo,
Consólo no sofrer e na fraqueza esteio.
As lágrimas das mãis, as queixas do cativo
Encontram, sem cessar, alívio no teu seio.

Bemdito sejas tu, ó simbolo de amor,
Sinal de campaixão, de amparo e caridade!
Emquanto a guerra espalha o luto e o terror
Tremúlas altaneira a anunciar piedade!

Bem dita sejas tu, ó Cruz, ó Cruz Vermelha,
Divina inspiração, que os pobres versos meus
Não sabem exaltar. E's como uma centelha
Do fogo em que se abrasa o coração de Deus!

Alfredo Gameiro.

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes
Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mão e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade a preços razoáveis

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}



PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

José António Rebelo de Avelar

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado. — Ferragens. — Máquinas agrícolas e industriais — Tubos de ferro fundido e laminado. — Ferragens para construção e marcenaria. — Oleos, gazolina, lixa, etc.

Armazem: C. do Galvão, 127 — Telef. B. 83

Se queiris fazer as vossas compras em boas condições, id: fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telef. Belem 553 (antiga Mercadoria Malheiros)

que ai encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazi a visita a aqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece.

Uma noite de Fado no «Luso»

O fado é a música do povo. Traduz a maravilha todos os seus estados de alma. Às vezes é a voz da alegria, mas fala quasi sempre de amarguras, amores desgraçados, tristezas...

Os verdadeiros e grandes músicos desdenham do fado, como se se tratasse de coisa vil, inferior...

E, por ser popular, simplesmente popular, o povo encontra-se vizinho com ele, arranca-o da sua vibratidade, dá melodia às tempestades invisíveis, que rumorejam na sua alma e, depois, completa o som com versos que são mimos de singeleza — filosoficamente profundos — apesar de rudes!

O povo! O gigante da alma são e pura!

Só ele sente verdadeiramente a dor, as contrariedades do amor e da miséria! O fado é a sua própria alma, ora chorando, gemendo, ora riudo ingenuamente... tam poucas vezes!...

Li algures, escrito por Rui Coelho, que o nosso fado, embora popular, é uma canção decadente, doentia, melancólica, fatalista...

O illustre músico lembra que é indispensável imprimir ao fado uma entonação alegre, de vida gloriosa, de saúde triunfante!

E' mau psicólogo, o bom músico! O fado é uma música verdadeira, no sentido de que traduz a sensibilidade popular. As suas lágrimas e as suas ironias, expressam fielmente o

viver do povo. Se ele sofre e chora não pode cantar gargalhadas, não é assim?!

Quando houver fartura, bem estar, felicidade, o fado sofrerá, então, a sua metamorfose, passará de derrotista a alegre, tornar-se-á um hino bendito á ventura, ao prazer, á vida!

Eu, leitor, também gosto de ouvir o fado — releva a irreverência! Gosto, talvez, porque de certo modo, também sou um faminto! A minha alma palpa de anseios... Se é mister que eu justifique esta minha queda pela merecedora canção nacional, ai fica a minha depressão anímica, para me desculpar a fraqueza...

Ela, a cantora, baloiça-se afitivamente entre os quarenta e os cinquenta. O *maquillage* procura retardar, mas a realidade cruel obstina-se em desmascarar, descarnar... Tem algumas rugas teimosas sulcando-lhe o rosto, os olhos grandes, oásis cada vez mais distantes, sucumbem numa miscelânea de *rimel negro*, e outras drogas. Os lábios, alongados em desejo, procurando, em desespero, outros que já mais encontrarão, estão já mumificados, empastelados de *baton*, rotulando um vermelho, que o sangue já perdeu, que a vida já não tem!

Ela, a cantora, baloiça-se afitivamente entre os quarenta e os cinquenta. O *maquillage* procura retardar, mas a realidade cruel obstina-se em desmascarar, descarnar... Tem algumas rugas teimosas sulcando-lhe o rosto, os olhos grandes, oásis cada vez mais distantes, sucumbem numa miscelânea de *rimel negro*, e outras drogas. Os lábios, alongados em desejo, procurando, em desespero, outros que já mais encontrarão, estão já mumificados, empastelados de *baton*, rotulando um vermelho, que o sangue já perdeu, que a vida já não tem!

No peito cintila-lhe uma cruz de Cristo, que deve ser de platina cravejada... O fado é religioso! Aquela cruz figura ali, como visão próxima dum outra, em madeira, que não tardará em erguer-se sobre a campa da fadista...

Um chaile negro, de veludo — espécie do mortalha — envolve-lhe os ombros e as mãos apoiam-se, indolentemente, nas ancas...

A sua voz chora uma juventude perdida, amores vagos e longínquos, que nunca foram satisfeitos...

O cantor é jovem e fugista mulheres, invisíveis mas reais, com mordacidade feroz, reveladora de despeitos, amor, ciúmes, *tricas*...

O público é variado e escuta com atenção.

Monólogo, baixinho, os versos que vão sendo cantados e os rostos denunciam emoções profundas, os olhos estendem-se ávidos como se quizessem escutar mais, que os próprios ouvidos...

Quando algum distraído tagarela, o público irrita-se e impõe os seus *chius* amadores! Apesar de ser um adepto da música clássica, associo-me, sem dar por isso, a estas manifestações ditatoriais.

Quando acaba de se ouvir um fado estalam estrepitosos aplausos, que sempre obrigam o cantor a repetir mais de uma vez... Ao meu lado está uma rapariga interessante, de olhos

Farmacia SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telef. B. 329

Consultas

pelos Ex. m. Drs.

GARRILHO XAVIER

Partos, doenças das senhoras, Clínica Geral

TODOS OS DIAS ás 15 horas

MEDINA DE SOUZA

MÉDICO DO APÓSITO Coração e Pulmões Clínica Geral

TODOS OS DIAS das 17 ás 19 h.

Serviço nocturno ás 21 horas



MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

DE João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 - LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafra)

ingénuos e fatais, talvez ainda intacta, mas de manifestas tendências viciosas... Em sua frente comprime-se um punhado de maneobos, que a fitam insistentemente. Têm o cabelo enlameado de brilhantina, julgam-se irresistíveis e procuram dominá-la com esgaras vampir scos! Há um, ao meu lado, que me confessa, espontaneamente, sem me conhecer:

— Estou apaixonado por esta mulher...

Compreendo bem que esta expansão é filha de algum fado mais meloso, mais piégas!

Enfim, não devo contrariá-lo. Digo-lhe, com os ares enfatuados dum conselheiro Acácio de pataco:

— Se a ama, seja persistente, que a consegue...

Aquiesce e sorri-me, com gratidão.

A certa altura, o público desenvolve uma barulheira infernal. Pronuncia-se em coro, um nome que não compreendo. Após uma tempestade de aplausos, ha uma moça (digo moça sem pensamento reservado!) que sobe ao estrado, acaricia a garganta, agradece, familiarmente, ao público e geme versos, que ferem a sensibilidade geral:

Há tanta casa sem pão

E tanta gente a pedir

Por não poder trabalhar...

E' triste a situação

De quem sofre, sem cair

E só tem fome no lar.

Mas apesar da miséria

E da sua grande dor

O povo tem activz.

Pode-lhe faltar a féria

Mas todo o trabalhador

E' honrado, é português!

As palmas, sonoras, sucedem-se sem cessar.

A cantora, feliz na singeleza das homenagens, sorri e canta sempre, sempr; sem se escusar... Nem o cansaço a obriga a negar-se aos que tanto a admiram.

Há jovens imberbes, de olhar injectado, delirando de entusiasmo...

Há um, porém, que diz, olhando enternecidamente, a cantora:

— Basta!

E todos se ficam envergonhados do seu egoísmo, de mãos coladas, olhos fixos na fadista, com carinho, receando esgotar a fonte das suas emoções...

Pregunto ao meu criado, quem é aquela moça, que canta com tanto sentimento. Olha-me admirado:

— Pois não conhece?...

Envergonho-me de confessar a minha ignorância:

— Conheço sim, mas não me recordo...

— Parece impossível não conhecer a Ercilia Costa...

Afastase, murmurando espanto, indignação...

A minha imprudência corre de boca em boca e vejo fixarem-se em mim olhares severos, repressivos! Confesso que tive medo e, por isso, fui saindo. Ouvi, no entanto, ainda:

Não me queiras convencer

Que o teu ideal fui eu

Se fui eu, foi só por ser

Quem primeiro apareceu...

Malaio Bulak.

VIDA EM FLOR

«Rosa linda, de mistério,
Para que foste nascer
Na campa dum cemitério
E nesse local crescer?»

És linda, mas deslocada
Num ambiente de luto,
Mesmo bela e perfumada
E' triste o teu atributo.

A beleza que te exorna,
Quer em matiz e pureza,
Por ser casta mais te torna
Ideal de singeleza.

Teu perfume delicia
Quem o puder aspirar,
Acho, porém, fantasia,
Nasceres em tal lugar.

E naquela quietude
Par'ceu-me vê-la tremor
Por fenomenal virtude,
Ou milagroso poder.

Depois, a rosa, baixinho,
Esta resposta me deu:
— A vida sou dum anjinho
Que para o mundo morreu!

Alexandre F. Settas.

Este número foi visado
pela Comissão de Censura

ERA uma vez dois irmãos, Carlos e Alberto, filhos duns camponeses pobres, que tinham combinado entre si, há falta de outro divertimento mais simples, próprio da sua idade, dar um passeio pelo campo em busca de ninhos de passarinhos.

Os dois jovens puzeram-se a caminho com uma intenção nociva e censurável, presertuando, subindo e descendo ás árvores na mira do fillo desejado, sem terem encontrado o que almejavam.

Havia passado a hora de maior calor e uma aragem branda e agradável corria amenizando a arduidade do

sol que abrasara durante o dia. A sua acção fora fructificadora para as sementeiras e culturas; os campos beneficiaram d'esse aquecimento natural e necessário. A natureza revestira-se de toda a magnificência verd-jante, proporcionando aos rebouhos pasto abundante e fresco.

Repercuti-se pela campina o hino melodioso das aves, que alegres e desceuladas saltitavam nas frondosas ramagens, como numa sadoação ao magestoso dia.

Tiuhans já percorrido uns dois ou três quilómetros quando depararam com um pequeno regato que lhes embargava a passagem. Não se denoraram em conjecturar os dois irmãos; raciocinaram rapidamente na forma de transport esse obstáculo, que não deveria ter mais de dois metros de largura e três palmos de profundidade.

Imediatamente verificaram que em determinado ponto do regato havia duas pedras á superficie da água. O acesso da outra margem seria fácil por aquele lado, era questão dum pouco de trabalho.

— Olha, Car os — sugeriu Alberto — vamos arrancar alguns troncos daquele sabugueiro, que collocaremos na água e com algumas pedras sobrepostas arrojaremos a altura sufficiente para garantirmos o trânsito.

Decorrida meia hora de iniciada a árdua tarefa, Alberto, que tinha feito a necessária experiência, exclamou sorridente e confiante:

— Está vencido o primeiro obstáculo! Falta-nos agora, somente, descobrir a árvore com os ninhos!

— Estou confiado que naquelas oliveiras — retorquiu Carlos convicto — have nos denunciar o que proteramos!

Transposta a margem, em toda a cautela, recommecaram nas pesquisas. Não teriam ainda percorrido uns vinte metros quando se lhes deparou uma soberba oliveira carregada de flor, tendo num dos seus frondosos ramos um ninho, construído com carinho e dedicação pelas avezulas para abrigo dos seus filhinhos ainda implumes.

O ninho continha três passarinhos. Os inocentes não podiam presentir o perigo que se avizinhava, de ficarem sem calor e alimento que a avizinha mãe lhes traria daí a momentos.

Alberto subira lesto á oliveira. Extasiado na contemplação do ninho, escutava os meigos pios dos seus habitantes. Um sorriso de alegria aflorara-lhe nos lábios. Quasi no mesmo instante um piar alado, ávido e agudo se fizera ouvir próxima d'ele. Procurou encobrir-se com a ramagem no intuito de apanhar também a mãe, que buscava os filhitos.

Carlos, que aguardava em baixo a descida do irmão com a presa almejada, lobbriça a pequena distancia um enurme cão que se dirigia em sua direcção. Tomado de susto, gritou para o irmão, avisando-o do estranho visitante que vinha interromper o seu trabalho.

Alberto ouvira distintamente o ladrar do molosso. Desceera rapidamente da árvore e seguira o irmão, que

levava já um certo avanço, conseguindo atravessar sem dificuldade o regato, enquanto fle não tivera a mesma sorte. Sentindo mais próximo o cão em sua perseguição e receando ser mordido, atravessou com tal precipitação as pedras que, perdendo o equilibrio, foi estalar-se na água.

Den-se então um facto impressionante. O animal arremessara-se á água e ficara os dentes na blusa de Alberto puxando-o para terra.

Carlos ficara petrificado com o que acabava de acontecer. O seu primeiro pensamento, recobrado o ânimo, fôra fazer frente ao molosso, atirando-lhe com algumas pedras no sentido de afugentá-lo. Mas o espectáculo que se lhe deparara fôra admirável. Alberto estava sentado na relva afagando o cão como a agradecer-lhe a prova de carinho que tivera para ele.

Carlos aproximou-se de Alberto. Nenhum dos irmãos tinha notado a presença de um outro personagem que pela parte detrás d'elles o contemplava enlevado.

— Meus meninos! — ponderou meigamente — que esta lição lhes sirva de emenda! Não esqueçam este dia! Jam cometer uma feia acção... ; Calculem o que seria a adição e tristeza de vossos pais se algum os sequestrasse? Nunca mais penseis em subir a uma árvore para destruir um ninho!... Lembrem-se que é para todos os efeitos uma casa, um lar que destruiríeis!...

Os jovens baixaram os olhos como assentimento ás palavras do bom velhote e nada responderam.

— Procurem na escola o passatempo da vossa mocidade.

JUSTA PREPEENSÃO

Por CARLOS INÚBIA

Dedicado ao menino Carlos Ferreira de Sousa

Favorita Ajudense

DE J. J. CAETANO

Completo sortido de Faveiro, Retrozeiro, Rocparia e Gravalaria
Artigos Escolares — Material electrico
GRANDES PECHINHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO
167, Calçada da Ajuda, 169
TELEFONE BELEM 456

Nova Padaria Taboense

DE ANTONÍO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico
para verem as suas condições higienicas

R. das Mercês, 118 a 128 — SUGURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz
TELEF. B. 656 — AJUDA — LISBOA

FIM.

NA PENUMBRA . . .

Variações sobre pintura

(A uma dama)

Minha amiga:

Insistiu V. comigo para que lhe desse o meu parecer sobre a pintura no rosto feminino. Pois bem; a sua súplica não ficará em vão... mas, não se zangue se o critério a desgostar, caso contrário melhor seria ficar mudo.

Não se ofenda boa amiga com as afirmações que lhe vou fazer:

V. é o mais perfeito manequim que tenho visto, com a sua pintura exagerada, o prototipo das bonequinhas rosadas que Nurembergh produz em série, graciosas, aliaz, mas nelas, repare bem, só existe artifício.

V. é uma bonequinha, atesto, mas daquelas habilmente talhadas que aguçam a dor da sensualidade dos do nosso sexo.

Perante vós, senhora de beleza profana, perante a diversidade de ingredientes corantes que vós trazeis no rosto, fico-me na dúvida se estou vendo uma exímia «maquilleur», ou uma daquelas obras que deram a celebridade à arte de Apelles e lembram os pinceis de Murillo, Rubens e Rafael.

No entanto diviso, nos lábios da minha boa amiga, sugadores da luz do espírito, uma doçura que não olvidaria provar indiferente ao excesso de «baton» que eles suportam, e aumentaria se uma baldeação de rosto os reduzisse à verdade nua.

Como quer V. que lhe cante belezas que não aprecio, belezas que só o modernismo, a pura volúpia actualizou e o artificialismo poz em evidencia — se não uso, por aberregação ao modernismo o cabelo à futurista.

¿Como deseja V. que aprecio a pintura do seu rosto, se sou naturalista, se dou mais apreço ao natural — à beleza de que a Natureza dota a

mulher, do que ao embelezamento artificial, à pintura que, em algumas senhoras, se lhes fizessemos passar um pano molhado no rosto ficar-nos-ia, sómente, a desilusão, como aquela que sofreu um Romeu que nos ocorre agora, um Romeu que «flirtava» sem o saber, uma preta feia como Lucifer através o buraco duma fechadura?

Minha querida: a pintura, creia, é uma máscara, e eu não gosto de a ver mascarada.

Que capricho infeliz é o seu de carminar as faces, pintar os lábios dum purpúreo excitante, arquear as sobrancelhas num plágio ridículo ás arcadas da Praça do Comércio, se V. desnecessita de artificialismos, pois estou vendo na sua fisionomia — apesar de não ser fisionomista — uma linha ténue, maviosa de beleza que a pintura que V. usa *malgré* quer encobrir?

Admite-se sim os trejeitos que uma mulher imprime ao corpo para agradar, o reviravoltar moroso dos olhos complacentes, porque isso é um visco, de que se serve de jus.

¿Mas pintura, cara amiga?

A pintura no rosto só se deve usar nos teatros, onde tudo é ilusão, onde necessitamos de ser iludidos.

A beleza deve ser mostrada tal qual a Natureza a deu.

De contrário não passa dum exibicionismo tórpe.

A mulher que se pinta — minha amiga — ou não possui beleza natural, pintando-se para iludir o homem, ou alimenta o capricho de substituir os manequins das montras.

Eu sei de uma senhora que comparecia junto do derricho toda aperaltada, o rosto transformado numa autentica drogaria mas que — veja o ridículo —

só lavava os pés quando calçava sapatos novos!...

V. nunca viu uma «Maria» portuguesa?

Note que designo por «Maria» as portuguesas que mourejam nos agros do campo... e que não se pintam; o sol se encarrega de lhes dar a cor...

Não viu, certamente!...

Vá ao Minho e admire as minhotas, a sua puridade, candura e ingenuidade, a sua pureza de alma de que se têm servido os *castans*, homens sem escrúpulos, para as perverterem ao vil mundanismo. São mulhres belas, e não se pintam... Desculpe-me o trilho que neste momento excitante ia imprimindo a estas linhas...

Em Coimbra V. encontrará a mulher ideal — a tricana de olhos meigos — que faz perder a cabeça á mocidade estudante, por quem, eles, cantam serenatas no recanto romântico do Choupal pela calada da noite, como um quadro arrancado magistralmente ao amor sacrosanto do «Paulo e Virgínia» de Saint-Pierre, e onde solta trinados enebriantes o poético rouxinol. simulacro do negro melro do grande Janqueiro que o obeso abade vindimou.

São mulheres belas, estas tricanas, tão belas que a sua beleza tem feito nascer poetas de estro apreciável, como o poeta estudante Hilário que a parca na sua missão nos arrebatou para sempre, e que seria infalivelmente um valor a adicionar aos que já têm elevado á eminencia da glória a poesia nacional.

Lagos! Faro! Algarves! Que belísimos tipos de mulher portuguesa!

Mulheres que vivem do mar e para o mar! Mulheres que dormem embaçadas pelo Oceano e que cantam o fado dos mares á guitarra, como Gama o cantou acompanhado ao rugir feroz da tempestade.

Mulheres que o labor da vida não permite que saibam da existência de suas congéneres que pintam os lábios da cor dos ninhos das suas casas.

E a Natureza, em compensação, envia-lhes a brisa marítima como terno

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas

Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOS*EIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Tapada, 47 a 53

Calçada da Ajuda, 212 a 216

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Largo 20 de Abril Calvário, 1



A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.^{DA}

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Encadernações simples e de luxo, tais como livros
á antiga, amador e escrituração comercial
Copiadores, caixas e pastas para arquivo
Arma-se pastas de fantasia e bordadas
Envernizam-se mapas

T. de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517

DROGARIA SANTOS

A casa mais antiga da freguesia, e que mais barato vende

**Drogas, produtos químicos, tintas
de todas as qualidades, sabonetes e perfumarias**

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

II Excursão Anual

promovida por
"O Comércio da Ajuda"

Continuamos transcrevendo, da excelente publicação «Estradas de Portugal» a descrição das belezas naturais, maravilhosos panoramas e grandiosidade dos monumentos que se encontram na vasta e bela região que «O Comércio da Ajuda» escolheu para objecto da sua II excursão anual:

Depois de Alcobaca, e a pouca distancia desta povoação, a estrada, subindo em sinuosas curvas a longa *ladeira de Aljubarrota*, domina alguns dos mais belos aspectos da região. Succedem-se os vales dum verde esmeralda, e a cada momento o panorama vai crescendo em amenidade e amplitude luminosa. A esquerda, no visio dum outeiro, avista-se a Vestiarria, e mais ao longe o Sitio de Nazaré, o monte de S. Bartolomeu e o mar; á direita e ao fundo, a Serra de Albardos, do alto da qual se diz que D. Afonso Henriques, tendo saído de Coimbra com o designio de tomar aos mouros o castelo de Santarém, fizera doação de todas as terras em redondeza aos monges de S. Bernardo. Não tarda que apareça do mesmo lado a bela e verde baixa das Ataijas.

Dali não há muito que andar até *Aljubarrota*, onde se guarda a pá com que a lendária padeira matou sete castelhanos no dia 14 de Agosto de 1385, se feriu a célebre batalha de Aljubarrota.

Passada a *Cruz da Léguas*, estamos no *Chão da Feira*, que no dia 28 de Agosto de

1387 foi teatro dum dos episódios das nossas lutas civis. Mais além, á direita, ergue-se um dos padrões da batalha de 1385, a capelinha de *S. Jorge de Aljubarrota*, mandada construir por Nuno Alvares Pereira no lugar onde as entava a sua bandeira e a vanguarda que elle comandava.

Uma quarta que, num nicho exterior, se conserva sempre cheia de água para desseccar os viandantes, obedeceria ainda a um voto do condestável.

Passada uma ponte ogival, está-se á vista do Mosteiro da *Batalha*, o moimento votivo da vitória e um dos mais grandiosos edificios góticos da Europa. Numa baixa rodeada de colinas cobertas de pinhais e de olivados, elle eleva ao céu os seus macissos de cantaria, as rendas das suas platibandas, as linhas agudas dos seus cornichéns, tudo nêsse admiravel calcareo de Porto de Mós, que adquire, com o tempo, uma tão bela pátina dourada.

Nada que não mereça a pena deter-nos: a vasta igreja joanina, com as suas incomparaveis naves, a um tempo esbeltas e graciosas; a *capela do Fundador*, joia tallhada num octogono de que os tumulos de D. João I e de Filipa de Lencastre occupam o centro e em volta os da «inclita geração», dos «altos Infantes»; o *claustro real*, de estrutura essencialmente gotica, mas cujos vãos Boytac preencheu mais tarde com bandeiras de marmore que coam o sol meridional como adufas de pedra. O *claustro de D. Afonso V* é, por seu lado, dum a singularidade e sobriedade encantadoras. E não há quem ignore que a

madrigal que lhes roburisa as faces num purpúreo fresco e saudável, o nectar estonteante das amendoeiras em flor que lhes dá o físico duma Helena grega. E' bela esta mulher.

A pintura é desnecessária a um rosto belo. Como disse Campoamor «la femme est une fleur» é logico. Mas é preciso notar que para a flor conservar a sua belza é necessário tratá-la. E para isso — ainda que algumas senhoras se pintem para atenuar a crise dos fabricantes de ingredientes — seria suficiente o uso de produtos que não escondam a beleza natural da cutis.

E por êste caminhar seria um desbobinar de exemplos, infindável, a que

ponho cobro. No entanto não quer isto dizer que só as lisboetas se pintam; longe disso!

E não leve isto em conta de querer converter-la ao naturalismo. Faça o que entender.

O que não pretendo é meter-me em tintas. Limitei-me a emitir a minha opinião.

Pinte-se boa amiga; encha a cara das mais variegadas cores e tons que isso não me toca. Transforme a sua cara num autêntico quadro a aguarelas.

Pinte-se mas não me pinte por favor...

Seu amigo,

Botelho de Lemos

Aluno da Casa Pia de Lisboa.

arrojada abobada da *sala do capitulo*, sustentada no ar por milagre, é uma das maravilhas da architectura. Quanto ás *capelas Imperfeitas*, dum tão profunda suggestão no seu esforço paralisado, ainda mais imponente as torna a abobada azul do céu que as cobre, sustado como foi a meio caminho da ascensão o impulso dos seus maciços de colonelos, cintados de faixas como paveias de mármore.

(Continúa)

O trajecto da excursão é, como já dissemos, Torres Vedras, Caldas da Rainha, S. Martinho do Porto, Nazaré, Alcobaca, Batalha, Leiria, Fátima, Tomar, Torres Novas e Santarém.

A excursão efectuar-se-ha, em auto-carro, nos dias 12 e 13 de Agosto próximo, e o preço completo da passagem, 67\$50, pagavel em prestações.

Club Musical 1.º de Janeiro de 1901

A pedido dos sócios desta prestimosa colectividade, realiza-se amanhã pelas 21,30 horas, a reprise do drama em 3 actos, intitulado «A Condessa de Marsay», que será interpretado pela distinta amadora D. Maria Cardim e pelos Srs. Alberto Costa, Fernando Duarte, Carlos Duarte, Joaquim Patrocínio, António Patrocínio, José de Azevedo e João Cardoso.

Segunda-feira, efectuar-se-á um grandioso baile, tendo lugar nos dias 3, 4 e 7 de Junho, interessantes festas regionais promovidas por uma comissão de senhoras.

Instalações electricas a prestações

EXECUTA

Américo Heitor Dias

— ELECTRICISTA —

Empreiteiro autorizado
pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade

Instalações até 24 prestações
Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167-169,
B. Telef. 552, onde serão atendidos com
a máxima urgência

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 — Telefone B. 427

LISBOA

Gêneros alimentícios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mêsã

LICORES E TABACOS

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas
e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor
e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA — Telef. B. 496

≡ SALÃO ≡

PORTUGAL

TELEF. B. 124

Travessa da Memória — Ajuda

Sábado 26 e Domingo 27 — As grandiosas e sensacionais super-produções

Rasputine e a Imperatriz — Loucuras de Amor

Segunda-feira, 28 — O Impedido e Medalha Misteriosa.

Dias 30 e 31 — MASCARAS DE CERA, filme de grande classe, inteiramente colorido, e O Ciclone do Oeste.

Sábado 2 e Domingo 3 — O Inferno submarino e outros filmes de grande sucesso.

Segunda-feira 4 — O seu grande amor e Para ser amado.

Dias 6 e 7 — As Aventuras de Bucha e Estica.

Dias 9 e 10 — Um amor que não morreu e outros filmes.

BREVEMENTE: Inauguração da explanada, com cinema ao ar livre, e outros atractivos.

Aparelhagem sonora KLANGFILM TOBIS, ultimo modelo, propriedade da Empresa.

≡ CINEMA ≡

PALATINO

TELEF. B. 99

R. Filinto Elísio (Alto de Santo Amaro)

Sábado 26 e Domingo 27

Exibição das magnificas super-produções

O DILUVIO * HERCIS DA PAZ

Segunda-feira, 28: O CANTICO DOS CANTICOS, com Marlène Dietrich, e o belo filme SUA ESPOSA PERANTE DEUS.

Quinta-feira, 31: SENSACIONAL ESPECTACULO, com filmes de grande sucesso.

Dias 2 e 3: Exibição das magnificas super-produções MELODIA AZUL e QUANTO VALE UMA VIDA.

Dia 6: SOB UMA FALSA BANDEIRA, sensacional produção, e o filme de aventuras OIRO E POLVORA.

A MARCHA DA AJUDA

(Continuado da 1.ª página)

tendo pintado ao centro a Torre do Galo: — o povo da Ajuda traz sempre vivo, no coração, o amor à terra onde nasceu! Os arcos restantes têm todos, como motivo predominante, os pontos mais característicos da freguesia, e, assim, vemos representados, simbolicamente, o Cruzeiro da Ajuda, a Cruz das Oliveiras, o Moinho Encarnado. . .

A marcha tomará parte, no dia 10 de Junho, no desfile de apresentação das marchas populares das festas da cidade. No dia 11 tomará parte no concurso a realizar no Parque Eduardo VII, exibindo-se nos dias seguintes no ciclo de festas a realizar na nossa freguesia.

A comissão organizadora, que tem trabalhado com o maior entusiasmo — e na qual sobressai, como incansável animador, o Sr. Francisco de Assis Lamas Moreira — tem encontrado, no desempenho da sua missão, a maior boa-vontade por parte de algumas entidades oficiais, pelas facilidades que têm conseguido, sendo dignos de relevo os nomes do comandante da 5.ª Companhia da G. N. R., sr. capitão Cunha; do sr. tenente Cabral, da Estação de Submersíveis e do Sr. Dr. Tavares da Silva, do Instituto Superior de Agronomia.

Eis a breves traços o que vai ser a Marcha da Ajuda, que — sem favor estamos certos irá conquistar lugar

predominante no concurso de marchas populares das Grandes Festas de Lisboa,

* * *

Atendendo a que a exposição de estabelecimentos, é sempre uma interessante manifestação de actividade, e como, nos dias das festas, vai ser grande a multidão nas ruas, alvitrámos que os comerciantes da nossa freguesia deem, aos seus empregados, todas as facilidades para que estes realizem as mais interessantes e originais exposições.

Sociedade M. Instrução Libertada

No próximo dia 28, realiza a Comissão Pró-melhoramentos «Os Leais», uma festa de homenagem a várias colectividades de recreio e imprensa, abrangendo essa homenagem, também, o nosso jornal. Do interessante programa, faz parte uma conferência pelo sr. António Cabral Rocha.

Desejando á simpática colectividade as maiores prosperidades, agradecemos a sua gentileza para comôscos.

Laboratórios FARMACIA SILVA

Director técnico: JOÃO ALVES DA SILVA, Farmacêutico pela Escola de Lisboa

25, Rua dos Quarteis, 27 — LISBOA — Telef. B. 377

Empolas de todos os medicamentos injectaveis
Serviço de pensos esterelizados para OPERAÇÕES E PARTOS

SOROS, SÉDAS, CATGUT, DRENOS, CRINAS, LAMINARIAS, ALGODÕES, GAZES, COMPRESSAS, TAMPÕES, LIGADURAS, ETC., ETC.

Depósito geral dos PRODUTOS LASIL:

Xarope Tiocol «Lasil» — Empregado contra tosses rebeldes e infecções pulmonares.

Cinacol, empolas — Medicação artificial, indolor, para o bacilo de Kock.

Antinevralgina, comprimidos — Nevralgias, dores de cabeça e dentes, constipações, insónias por excesso de trabalho, etc.

Balsamo Analgesico «Silva» — Empregado no tratamento do reumatismo, gôta, contusões, etc.

Calcio «Lasil», empolas e gôtas, medicamento calcico, injectavel.

Xarope «Peitoral de Cereja», de composição inteiramente vegetal, calmante das secreções bronquiais.

CONSULTAS MÉDICAS DIARIAS

pelos Ex. mos Srs.

Dr. Virgilio Lopes de Paula — ás segundas, quartas e sextas feiras, ás 14 horas.

Dr. João Pedro de Faria — ás segundas, quartas e sextas feiras, ás 10 horas.

Dr. Julio de Carvalho — ás terças, ás 9 h.

Dr. Schiappa Monteiro — ás terças, quintas feiras e sábados, ás 14:30 horas.

Dr. Manuel de Lucena — ás terças-feiras ás 16 horas

Dr. Manuel Henriques Leitão — Todos os dias ás 18 horas.

Avia-se recetuario de todas as Associações
SERVIÇO NOCTURNO A'S QUINTAS-FEIRAS
Especialidades nacionais e estrangeiras